

## NUNCA PARAMOS! VIRTUALIDADE E NOVAS CONVIVIALIDADES NO TEATRO DE ANIMAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Leandro Alves da Silva<sup>1</sup>

Recordo-me com muita nitidez da data de 17 de março deste ano, quando tomamos a decisão de parar todos os processos artísticos de nossa equipe de fazedores de teatro, na qual eu colaborava como ator bonequeiro e diretor em diferentes processos artísticos.

Com o Grupo Fuzuê Teatro de Animação tocava, desde o ano anterior, a criação de dois espetáculos novos: *O Mistério do Jaraguá*, de teatro de bonecos de luva tradicional e *COMA*, espetáculo contemporâneo de bonecos e poéticas tecnológicas, cuja criação se arrastava desde 2018. Parte do Grupo se atravessava ainda na montagem e encenação da peça *Wonderland Ave.*, da dramaturga alemã Sibyle Berg, selecionada no âmbito do projeto TRANSIT, realizado pelo Instituto Goethe, de Porto Alegre, em parceria com o SESC RS e o site *AGORA Crítica Teatral*, com estreia prevista para maio deste ano, dentro da programação do 15º Palco Giratório. Era uma rotina intensa de trabalho, com muitas inquietações, calor humano e aprendizados.

A pandemia global da COVID-19 e sua vertiginosa ascensão no Brasil foi um balde de água fria em nossos processos criativos: espaços culturais fechados, confinamento social, cancelamento de todos os

eventos em curso, medos e incertezas quanto ao futuro de nossas vidas e de nossa arte. Nós, do Grupo Fuzuê Teatro de Animação, nos recolhemos desde março em nossas casas e tentamos manter uma agenda regular de encontros virtuais, na espera por uma “normalidade” em que fosse possível retomar todos esses processos.

Agora, creio que os sentimentos são outros e não acreditamos mais nisso que chamam em “volta à normalidade”. A pandemia da COVID-19 que, em 12 de setembro, chega à triste marca de mais de quatro milhões de infectados e mais de 130 mil vidas perdidas no país, a cabará por instaurar novas condições de convivialidades humanas e que, inevitavelmente, vão impactar nossa compreensão, alcance e papel do Teatro de Animação.

Penso que passamos por dois momentos de março até aqui, julho de 2020.

Num primeiro momento, mesmo em meio ao luto instaurado pela pandemia, vimos por parte dos artistas de teatro um movimento generoso de ocupação da internet, especialmente das redes sociais, com a realização de trabalhos *on-line* ou de disponibilização gratuita de seus acervos em vídeo. Foi uma enxurrada de programações virtuais que, ao mesmo tempo em que desempenhava um papel de entreter e animar as pessoas na quarentena e manter vínculo com o público, a meu ver, tinha um significado mais profundo: esse movimento era uma reafirmação das nossas existências, de nossos

---

<sup>1</sup> Mestre em Artes Cênicas, diretor teatral, ator, bonequeiro. Pesquisa e trabalha com diferentes manifestações do Teatro de Animação. E-mail: leandrosilva.bonecos@gmail.com



corpos, das nossas artes; de que estávamos vivos e que iríamos atravessar essa pandemia e, quiçá, sair dela mais fortalecidos.

A grande mídia imediatamente invadiu massivamente as nossas casas com centenas de *lives* de artistas (os midiáticos), da música em especial, com uma estrutura tecnológica reduzida (porém de ponta) e garbosamente patrocinados pelo mercado sob a capa falaciosa de uma pretensa ação social.

Talvez pelo excesso, parece que essa onda foi se exaurindo.

Agora, penso que chegamos em outro momento, de menor euforia (e talvez de menos tristeza e pesar), em que estamos refletindo de forma mais profunda as inquietações e os novos impulsos que a realidade da pandemia lança sobre o presente e o futuro do Teatro. A pandemia da COVID-19 nos manteve isolados, porém não desconectados uns dos outros. Nos manteve confinados, mas jamais parados!

O contexto da pandemia e as experiências de confinamento abriram espaço para aproximar e colocar em evidência o pensamento e o trabalho de muitos artistas brasileiros que encontraram nas *lives* uma estratégia para a troca e o intercâmbio. Destaco por exemplo o trabalho da TV Mamulengo na pandemia, um canal no *YouTube* que através de entrevistas tem propiciado momentos instigantes e divertidos de convivialidades virtuais através da internet.

Da experiência de encenar peças em condições de confinamento social, estamos aos poucos aprendendo a acolher a internet, as redes sociais e as diversas plataformas como novas e possíveis arenas para manter vivo e pulsante o nosso trabalho. Vamos descobrindo quais novas possibilidades e novos riscos estas “arenas virtuais” oferecem para a nossa arte. Que não basta simplesmente querer transpor o trabalho para a internet no formato de uma *live*, por exemplo. Lembro da percepção de um colega bonequeiro e do mal-estar estético ao ver suas obras veiculadas pela internet. Aquele boneco, com aquela

textura rústica que ganhava camadas mágicas sob a luz cênica do teatro, ou mesmo à luz do dia diante do público, agora lhe causava estranheza quando captado pelo olho frio da *webcam*, em ângulos e vetores que o artista bonequeiro não estava muito acostumado a trabalhar até então. Tateamos agora a necessidade de domínio de tecnologias (para captação, edição, transmissão), muitas simples e acessíveis, e de elaborar uma linguagem teatral que dialogue com a internet. E de como estabelecer interações com o público no momento de uma apresentação *online*, já que esta não se dá mais no corpo-a-corpo direto, mas de forma remota no espaço (cada um das suas casas) e no tempo (a posteriori num *chat*). Novos ângulos, novas distâncias, novas partituras corporais!

Percebo já o surgimento de novas propostas de trabalho que buscam não fazer a mera transposição das peças para a internet, mas, antes, promovem uma recomposição ou uma atualização dos trabalhos que considera os potenciais, os limites e os riscos das redes. Alguns recentes trabalhos surgiram já dentro dessa perspectiva, como as recentes apresentações do Grupo Jogo de Experimentação Cênica, Porto Alegre (RS), que refez dois de seus espetáculos, *Deus é um DJ* e *Fauno*, especialmente para a rede social *Instagram*, transmitido de forma síncrona por esta plataforma; as experiências sensoriais em confinamento realizadas pelo Grupo Magiluth, Recife (PE), que explora simultaneamente com o espectador diversas plataformas virtuais; e a redescoberta do teatro filmado em sites que disponibilizam espetáculos que foram registrados no contexto da pré-pandemia, produzidos com ricos recursos do audiovisual, mantendo um hibridismo entre a experiência teatral e a cinematográfica. Desses, me atrai muito os registros das obras da companhia francesa Philippe Genty Company, no *YouTube*, além de diversas montagens brasileiras disponibilizadas em sites especializados.

## **Teatro na Internet é teatro? Experiências virtuais são reais!**

Devemos considerar pelo menos duas questões para pensarmos a realidade do Teatro de Animação neste contexto da pandemia e, esperamos que em breve, num mundo pós-pandemia.

A primeira é nos aproximarmos sem reservas e preconceitos das possibilidades da internet, redes sociais e plataformas. A pandemia nos instiga a pensar um sentido mais ampliado de Presença, que considere o artista e o espectador confinados sob outras condições de convivialidade. Para a crítica teatral Daniele Small, tratando da experiência do teatro filmado (*theatrofilm*), é pouco frutífero debates polarizados em “ser” ou “não ser” tais possibilidades expressões artísticas genuínas. Ela nos provoca:

Diante das questões da arte, são inócuas as perguntas que demandam ‘sim ou não’ como resposta. Talvez tenhamos que responder ‘sim e não’, afinal, não podemos retirar do âmbito do teatro algo que foi concebido como teatro e que só faz sentido se for percebido e pensado como teatro. Um registro de uma peça é algo que pertence, inevitavelmente, à cultura do teatro, sua história, sua documentação, sua esfera de conhecimento. O teatro é feito de muitas coisas que compõem a ‘biosfera’ na qual os espetáculos vivem (acessado em 16/07/2020).

Precisamos nos atirar na descoberta do “teatro possível” na pandemia, conscientes de que se trata de um “teatro em potência”, que não vem para substituir, nem disputar, nem reificar o lugar do teatro ao vivo, no corpo-a-corpo, no contexto das nossas já saudosas aglomerações para ver um espetáculo.

A segunda questão é a própria ideia de “virtualidade” das experiências teatrais realizadas através da internet. Experiências virtuais são reais! Não existe uma oposição entre real e virtual, como corriqueiramente ouvimos falar. Segundo o filósofo Pierre Lévy, essa ideia é enganosa, e o

virtual é apenas um outro modo de ser real. O virtual é um “ser em potência” que se realiza, ou se atualiza na experiência de cada pessoa. É portanto real, na medida em que gera efeitos concretos na existência. Pierre Lévy nos esclarece que “em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (1996, p. 15). O virtual é, ainda segundo ele, “um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata” (Lévy, 1996, p. 12). Assim, somos instigados a pensar que a experiência do teatro na internet não significa um “não-teatro”. Muito pelo contrário: é um teatro possível, um teatro de potências, apto a se realizar na experiência de cada espectador confinado, que envolve novas possibilidades e implicam em novos riscos também (*delay*, queda de conexão, envolvimento de público remoto, sustentabilidade financeira das experiências, dentre outros).

## **Novas convivialidades teatrais na pós-pandemia**

O Grupo Fuzuê Teatro de Animação começa a pensar a retomada de suas obras suspensas para a internet ou presenciais em um futuro próximo, dentro de protocolos de distanciamento controlado. Iremos retomar a criação da peça *Wonderland Ave.* ainda este ano em parceria com uma produtora de audiovisual e realizar a obra em formato de teatro filmado e exibição síncrona em redes sociais. Esse é o nosso “possível” no momento.

Ainda a urgência no Brasil é salvar as vidas, é salvar os corpos nos quais e através dos quais o teatro se realiza. Mas que corpo é esse que frui e faz teatro na pandemia? Um corpo remoto, real-virtual, pulsante, potente e resiliente.

Com a traumática ampliação da ideia de presença teatral causada pela pandemia da COVID-19, precisamos estar abertos a elaborar novas possibilidades de convivências para o Teatro de Animação na pós-pandemia. Tenho a visão (hoje) de que jamais teremos restabelecidas as condições que tínhamos antes da pandemia. Acredito que teremos um longo caminho até que as pessoas se sintam seguras para se colocarem lado a lado numa sala para compartilharem da experiência teatral. O medo e a insegurança não irão se resolver por vacinas (esperemos que elas cheguem logo) nem por decreto das autoridades de saúde. A pandemia mexe com nossos imaginários e, por conta do período prolongado do confinamento, novos hábitos sociais serão incorporados. A imensa perda de vidas talvez vá gerar cicatrizes profundas nas tessituras da vida social. E o Teatro seguirá se reinventando e encontrando os caminhos possíveis de sua existência, permanência e resistência num mundo pós-pandemia.

## REFERÊNCIAS

Canal TV Mamulengo: <<https://www.youtube.com/c/TVMAMULENGO/videos>>.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

SMALL, Daniele Avila. O fantasma do teatro: Notas sobre teatro filmado em diálogo com o registro audiovisual de Hamlet do The Wooster Group. In: *Questão de Crítica: Revista Eletrônica de Críticas e Estudos Teatrais*. Disponível em: <<http://questaodecritica.com.br/2020/04/o-fantasma-do-teatro/#more-6674>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

Site espetáculos on-line: <<https://espetaculosonline.com/>>.

*Wonderland Ave* (2020). Processo interrompido pela pandemia. Fevereiro de 2020. Foto: Leandro Anton.

